

MODO DE VER DA PALAVRA POÉTICA

Escrito por Administrator
Segunda, 10 Junho 2013 19:36 -

A diferença do modo ocidental de vida da palavra-sempre preparada para amoedar o significado, apropriando-se de sua possível mais valia de sentido e explorando-lhe as usuras como forma de vencer na vida do poema (alimentado pelos lucros imediatos da compreensão), o modo oriental de veia da palavra é tanto mais relaxado quanto mais concentrado.

Não o move (o modo oriental de ser da palavra) fins meramente gramaticais, objetivos verbais bursáteis, cálculos de ganhos (ou perdas) específicos de significado, estratégias sintáticas escusas e mapeamentos semânticos precisos em que razão e objetividade mesmo disfarçadas lideram a guerra de expressões. A não equívocidade ou a absoluta univocidade é a regra, o fim (comercial) da poesia ocidental. Sensibilidade e êxtase irracional são renegados do poema, como sentimento à flor da pele do espírito.

Condensar com profundidade, aprofundar interiormente, espessar o sentido das palavras, adensando-o até o limiar da incompreensão absoluta são condições vitais do modo oriental de vida do verbo, que exigem para tal desiderato paciente concentração, condensado uso da palavra.

O desafio da poética é comprimir o maior número de significados numa única palavra. Ou seja, em raro (ou essencial vocábulo que involucre o mundo) significante alastrar sentidos. E aprofundar o sentimento do verbo, isto é, a qualidade do sentimento. E nunca explodir de emoções (vagabundas ou não), expandindo (ou tornada panda) a massa sensível com vistas à obtenção de vulgares lágrimas, falsas ascetas, catarses banais num probo (e inqualificado) qualquer leitor.

MODO DE VER DA PALAVRA POÉTICA

Escrito por Administrator
Segunda, 10 Junho 2013 19:36 -

Quando se esgota a capacidade de condensação verbal (e o significado banhe-se de palavreado), abre-se a porteira da frágil poesia, espoucam poemas sem viço, multiplica-se o besteiro que rola na poesia brasileira (coitada) há incessantes 40 anos. É o inexpressivo, o pessoal (íntimo que só interessa ao próprio poético, ao eu romântico ridículo do poetante descabido, em vexame); é o já dito ou querido expresso (de modo explícito demais – para não dizer verboso, como só o ocidente é capaz), no âmbito do leque, dentro do espectro das longas incapacidades que visitam o poeta (poeta?) hoje.

Quando o poema deva ter força ou potencial de mover céu e terra, deleitar anjos e demônios, arrancar visões insuspeitadas, e no leitor gerar voragem e perplexidade, é quando o poema é.

As vitais destilações e vária purificação (filtros inefáveis usados para tal fim) de que resulta a poética oriental, produtos como tankas e haicais, bombas de efeito retardado da expressão (mas ativadas já em poetas como João Marques de Garanhuns e Rogério Generoso de Casa Amarela e Sílvio Hansen do Centro Cultural Vital Corrêa de Araújo); vasos significantes como rubai e gazel (micropoema persa e árabe), cofres de significados que quando abertos (pelo leitor que tenha chave ou clavícula adequadas) exibem raridades verbais e gemas de expressão ainda insuspeitadas, poemas maiores em miniatura. De veloz brevidade.

Estas considerações apenas fazem aflorar veio que leve ao filão poético que o ocidente há de explorar, escavar, batear e muito.

MODO DE VER DA PALAVRA POÉTICA

Escrito por Administrator
Segunda, 10 Junho 2013 19:36 -

Chamo á colação (para efeito probatório do argumento brandido)

os vitais poemínimos:

Gazela montanhesa

no deserto como corre sozinha

mas se não tem amigo

como viverá depois?

(rubai de Bausani, sec VII)

MODO DE VER DA PALAVRA POÉTICA

Escrito por Administrator
Segunda, 10 Junho 2013 19:36 -

Escadaria de jade destila branco orvalho

noite adentro lua reflete a seda da toga

no rio de cristal de teus olhos

outonais que flagro das fendas da gelosia.

(quadra do século V – Libó)

Ao enobrecer materiais das escadarias, salas, gelosias e togas que são jade, seda, rochas dos palácios de pedra cristal e orvalho pela via da hipérbole cria-se linguagem elíptica e bela que se chama poesia.

Gil Vicente, por moura influência, cantou:

MODO DE VER DA PALAVRA POÉTICA

Escrito por Administrator
Segunda, 10 Junho 2013 19:36 -

D'esmeraldas e jacintos

toda a tapeçaria

as câmaras ladrilhadas

d'ouro da Turquia.

E o tanka do século XII, de Fujiwara Teika:

Para cobrir-se

quando vento outonal atarda

na lenta noite de espera

MODO DE VER DA PALAVRA POÉTICA

Escrito por Administrator
Segunda, 10 Junho 2013 19:36 -

a Dama na Ponte de Uji

a lua estende.

Ou os haicais desconhecidos:

Bela jovem impelida

pelo vento da primavera

parece uma açucena.

MODO DE VER DA PALAVRA POÉTICA

Escrito por Administrator
Segunda, 10 Junho 2013 19:36 -

Turvas águas

do meu rosto teus

olhos aclaram.

A POLISSEMIA NUA

Vital Corrêa de Araújo

Aos leitores de *O monitor*, no âmbito da coluna *Paradoxos e provocações literários*, trago a questão do significado em poesia.

Proponho-me demonstrar que o poema é objeto de palavras e não história, prosa. O poema é feito de significantes (a outra face da moeda do signo que não o conceito). E que o poeta deve primar na organização destas (arranjos significativos) de modo a que sejam inéditos, sintagmaticamente novo, vários. E deixar de lado o significado (a referência, a realidade, o mundo fático) e considerar somente a realidade artificial, criada, imagetivamente concebida, o mundo ficto, que é a literatura e a que se dedica o escritor. Qualquer preocupação com o sentido a ser dado é prejudicial ao poema que é algo construído. Então, o sentido do poema não é único, é equívoco (nunca unívoco), não é um só, são todos.

No conto Pierre Menard, autor de del Quixote, a “admirável ambição”, o propósito da vida de Menard era reescrever o romance de Cervantes, “palavra por palavra, linha a linha”, isto é, com os mesmos significantes e não outras palavras, mas com um significado novo e “quase infinitamente mais rico”.

Mesmo incompleto por razões do que não se pode suplantar, Menard tornou o seu Quixote “a obra mais significativa do nosso tempo”.

MODO DE VER DA PALAVRA POÉTICA

Escrito por Administrator
Segunda, 10 Junho 2013 19:36 -

Mesmo usando as mesmas palavras (no sentido de significantes exatos, isto é, a mesma palavra como forma fônica, com as mesmas letras em sua composição), elas, no novo contexto do mundo, da época, 316 anos após Cervantes tê-la escrito, significam diferente diacronicamente considerando (embora sincronicamente sejam as mesmas), receberam um novo significado, renovaram os conceitos inerentes ao signo, isto é, revestem-se essas mesmas palavras de novos sentidos que o novo leitor (algum mesmo que ainda não tenha lido o Quixote original ou não) decodifica do seu ponto de vista ou contexto vital novo.

O absurdo da tarefa o é apenas na prática, mas logicamente é algo viável pelo que se demonstrou.

O ensaísta inglês de formação portuguesa, Stephen Reckert (que li e anotei em Lisboa – maio 2011) admiravelmente conclui sobre a questão exposta:

“em qualquer texto apenas o significado

é criado: os significantes são sempre os mesmos”

embora o vário arranjo destes implica em novo significado.

MODO DE VER DA PALAVRA POÉTICA

Escrito por Administrator
Segunda, 10 Junho 2013 19:36 -

Daí a poesia ser expressa, formalizada, imprimida (e não só exprimida), exteriorizada através e via significantes – que são a sua essência – e não querer nada dizer, de específico, de exato, de presumido, de definitivo, porque diz tudo (e assim o fazendo não diz nada, porque a poesia não é para dizer mesmo), pode obter, alcançar qualquer significado. Eis a polissemia nua.

Por isso, invertemos o dito clássico aparentemente correto, testado. Na prosa, sim, e quase tudo é prosa.

O aforismo: As palavras voam, o escrito (isto é, o concreto) fica.

No domínio da poesia, as palavras ficam (no poema) e o sentido voa, porque não é fixo, é infinitamente variável, móvel por si, rebelde, jamais se permitindo aprisionar-se na cela das palavras, que é o poema. *CQD*

O VERSO LIVRE COMO LIBERTAÇÃO DA POESIA

Vital Corrêa de Araújo

É usual, em poesia, utilizar símbolos com o intuito (não a intuição mas o propósito deliberado, racional) de dizer algo referindo-o indiretamente via simbologias.

Nisso, nesse mecanismo, consistiria a correia de transmissão do sentimento poético ao leitor à espera de receber a carga emotiva, o conteúdo simbólico proposital que a poesia carregasse.

Mas T.S. Eliot sujou o esquema. Segundo ele, a única maneira de exprimir a emoção (transmitir a comoção, comover o leitor), sob forma de poesia – arte da palavra, é não utilizando o símbolo (muito subjetivo), mas o correlativo objetivo, liame que objetivamente unta a vária subjetividade do poema sem miscigenação de emoções ou confronto íntimo.

Ou seja, o transporte da emoção (poeta/leitor) por meio de palavras (poéticas, imagéticas, etc) dar-se-á via ambiente objetivo (não pessoal ou meramente íntimo), pelo posicionamento ou disponibilidade das palavras, elos dessa cadeia de transmissão dos acontecimentos que o poema contenha. Mas pelas cordas de resistência máxima que imprima ao potencial poético. Fora dessa constelação de condições, dessa cadeia de enlaces verbais, não haverá poesia, isto é, transferência de emoção simbólica ou via simbolismos não funciona (mais).

Mallarmé, conforme lucidamente observa Charles Chadwick, em *A linguagem crítica*, dissera algo, semelhante a Eliot, trinta anos antes, em 1891, ao definir o simbolismo.

“como a arte de evocar um objeto (emoção, sentimento, filosofia, sensação espiritual) a pouco e pouco, gradativa e sempre, de modo a revelar um estado de espírito, ou reciprocamente (ao inverso), a arte de partir do objeto (coisa, acontecimento, situação) e dele extrair (revelar) um estado da alma”. Um correlativo e não uma emoção direta.

O que revela (cria) o estado de espírito é o ato de decifrar o objeto (que não é dado, imediato, direto mas sugestão). Esse ato é “a pouco e pouco”, gradativo, lenta e silenciosamente, de tal modo que haja da parte do leitor desfrutamento, uma fruição, quase um orgasmo decifratório (ou devoração quimérica), que enlargueça, exorcize, resplandeça, imirja esse leitor quase no desvario, e faça assim a poesia delirar.

Portanto, o que em palavras seja o correlativo objetivo do que o poeta sinta e queira exprimir, compondo o que se nomeie poema, não deve ser dado imediatamente, mas velado, apenas esboçado, sugerido, para que ao leitor caiba o trabalho maior, o esforço generoso (rogeriano) de revelar, destrinchar (como bom portenho picanhresco do verbo), decifrar desnudamente e oferecer ao mundo o petisco (duvidoso) da palavra com rumor de alma e sugestão de carne.

MODO DE VER DA PALAVRA POÉTICA

Escrito por Administrator
Segunda, 10 Junho 2013 19:36 -

Pois, conforme Mallarmé, nomear, ditar, esclarecer um objeto (ou sentido) é banir (gastar, esbanjar cruamente) a maior parte do prazer que um poema possa suscitar.

O gozo interrompido do leitor pelo suposto ao dar de graça, entregar o sentido do poema, movido, por uma ânsia (esquizofrênica) de objetividade, excessiva racionalidade, deletando, bloqueando o processo (sutil) de revelação gradual e operoso do poema, é pura malvadeza, pecado contra a órfica arte da poesia, demência, irresponsabilidade de quem supostamente se intitule poeta em vão.

Ao orgasmo interrompido contraponha-se o gozo ininterrupto do leitor, que verdadeiro poeta propicie.

Certo teor hermético cria (e nutre) o mistério da poesia.

O simbolismo, como modo de expressão que não refere algo de vez mas o faz aos bocados, referindo-o a pouco e pouco, sugerindo-o ao invés de aponta-lo, dizê-lo, em definitivo, foi vital ao salto (dialético porque parnasianismo X simbolismo digladiavam-se) que resultou na modernidade poética do século XX.

MODO DE VER DA PALAVRA POÉTICA

Escrito por Administrator
Segunda, 10 Junho 2013 19:36 -

As inovações e técnicas novas da poética simbolista foram fundamentos para a eclosão do verso livre, condição fulcral da poesia moderna.

Gustave Kalan, que elevou o verso livre à condição de alicerce e baluarte da poesia, foi influenciado pelo simbolismo no seu proselitismo pelo versolibrismo. Foi deste poeta que Eliot intuiu a importância e o valor estratégico do verso livre para possibilitar à poesia a condição de refletir o século 20.

Mas a fundação da poesia moderna foi suportada pelos ombros atlas da tríade quase diva da poesia da era moderna: Rimbaud, Baudelaire, Mallarmé. E seus discípulos maiores Valéry e Laforgue.

E Lautréamont, como centro de conexão e indução, como realidade do absoluto, motor do delírio, da palavra convulsa como propulsora da beleza do verbo enlouquecido, que é a poesia.

VALÉRY E AS MARDIS DE MALLARMÉ

Vital Corrêa de Araújo

Das mardis noturnas do velho fauno (e nunca as tardes jovens em que ele lúbrico ressonara) a jovem parca Valéry participava com esmero devoto das largas abstrações da palavra brandida por Mallarmé no convívio da poesia (parisiense e universal).

Desacordado da realidade (vigente e amorfa), isto é, em vÍgil desacordo, dotado de aguda